



## RESENHA DE CASA DE ALVENARIA, VOLUME 1 – OSASCO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Ester Naiá Ferreira Melo<sup>1</sup>

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Prefácio de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus. São Paulo: Companhia das Letras, volume 1: Osasco, 2021

Após seu maior sucesso, *Quarto de Despejo* (1960), a escritora Carolina Maria de Jesus inicia uma nova jornada de vida e de escrita em seu diário, dessa vez a partir de sua mudança para a tão sonhada casa de alvenaria. Depois de muitos anos sem reedições das imensuráveis obras e até esquecimento do nome da escritora pela crítica e pelos leitores, temos nessa nova edição, concretizada pela Companhia das Letras, a possibilidade de conhecer uma parte de Carolina em suas vivências após a fama. Além disso, tal edição conta também com o prefácio escrito pela escritora Conceição Evaristo e por Vera Eunice de Jesus, filha de Carolina. Ambas também fizeram parte do conselho editorial das obras e da recuperação memorial dos cadernos da Carolina. Nesta reedição foram produzidas duas obras, ambas com o título de *Casa de Alvenaria*, sendo o primeiro volume *Osasco* que trata sobre o tempo que Carolina ficou morando na cidade de Osasco. Enquanto, a segunda é a *Santana*, que trata do período que Carolina sai de Osasco para Santana, com a intenção de realizar seu sonho de ter sua casa própria, sendo uma casa de alvenaria. Nesta resenha trataremos apenas do primeiro volume, o qual já traz uma carga de questões e debates muito importantes para a época e que ainda se fazem muito atuais.

Um dos aspectos que podemos pensar a partir da escrita de Carolina na edição de 1961, quando este diário foi publicado pela primeira vez, é que ela não queria escrevê-lo. Seu desejo era se aventurar em outros gêneros literários além de diário. A mesma pensava muito na sua escrita enquanto poeta e no lançamento de romances. Entretanto, a continuidade da escrita em diário foi algo solicitado pelo jornalista Audálio Dantas, o qual ajudou Carolina em suas publicações. Ainda

---

<sup>1</sup> Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEdu/UFMS). Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte (Uninorte) e em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: ester.nfmelo@gmail.com.

assim, mesmo com a imposição acerca da escrita de diário, a escritora inova adicionando cartas, reportagens, poemas e outros textos que dão um tom único ao que era para ser apenas uma escrita de diário.

Sobre essas questões postas é importante tecer uma breve crítica sobre a intenção da continuidade de publicar os diários de Carolina. É possível questionar se isso seria pelo sucesso que ela tinha feito com o seu primeiro diário, sendo que ficar nesse gênero seria uma forma de agradar ao público e continuar com as boas vendas, por isso a publicação de casa de alvenaria logo no ano seguinte ao seu grande sucesso, em 1960. Ou então, pelo próprio subjugamento em relação à Carolina não poder fazer sucesso em outros gêneros e ser bem recebida pela crítica da época. Tais questões podem ser percebidas e questionadas ao longo da leitura da obra e relacionar isso até a própria história de esquecimento e apagamento de Carolina ao longo do tempo, após os anos de fama. Visto que, a própria escritora também aponta em alguns momentos os seus próprios receios e contradições sobre Audálio, pois mesmo confiando e o vendo como um amigo, a escritora em muitos momentos sente que ele tenta subjugá-la e que a mesma seria uma obra que ele construiu e que poderia estar desmoronando.

Quanto a essa segunda publicação, temos a descrição das mudanças na vida de Carolina por conta da publicação de Quarto de Despejo. Algo que demarca até a mudança de sua escrita entre os diários é que agora Carolina sai do quarto de despejo e vai para a casa de alvenaria, ou seja, que se afasta da pobreza e consegue trilhar um novo caminho de reconhecimento e acesso econômico para si e para os filhos. Tal aspecto é deixado bem nítido, pois a própria escritora coloca que em Quarto de Despejo a sua escrita era sobre os favelados, enquanto essa segunda é sobre a burguesia. De modo que, ela coloca em vários momentos o seu receio em escrever sobre a burguesia, por serem poderosos a ponto de poderem destruí-la de algum modo. Entretanto, ainda assim tece críticas bem importantes e necessárias, não deixando de revelar constantemente o preconceito, rivalidade e ambição que existe nesse meio do que ela considera como a sala de visitas.

Um ponto importante de reafirmar sobre essa nova reedição é que existiram diversas críticas e discussões acerca das correções editoriais anteriores a sua publicação. Isso acontece pois, quem for ler qualquer escrito de Carolina irá se deparar não só com uma escrita muito próxima da fala, como também com constantes desvios ortográficos e em relação à gramática. Tais aspectos trouxeram à tona discussões favoráveis ou não às correções das novas edições. De modo que, por ser uma escritora em qualidade literária, independente de seus desvios na escrita, poderia passar por uma editoração assim como outras escritoras que também fazem correções de seus escritos.

Além de que, Carolina com uma escrita desviante fosse um marcador em algum aspecto excludente e delimitante do lugar enquanto escritora. Porém, aqui é preciso pontuar que para além de uma escolha que coube a um conselho editorial ímpar, que coloca a própria filha de Carolina com destaque, foi preciso considerar a própria voz da escritora. Visto que, ela tem consciência dos desvios na escrita que realiza em suas obras, sendo que em seus próprios escritos afirma que “A poesia tem êrros gramaticaes. Não há possibilidade de correção. É uma advertência social.” (Jesus, 2021, p. 153). Ou seja, não importa se ela teve somente dois anos de estudos formais, esse aspecto não define a qualidade de Carolina enquanto escritora, pois, ela mesma compreende que a sua escrita acontece pela sua própria maneira de ser. Tal questão dialoga com o que Djamila Ribeiro (2019) propõe sobre uma demarcação do seu local de fala e de uma reescrita da história. Assim, Carolina coloca e reafirma novamente sua escrita em um tom único e marcante na história da literatura brasileira.

Ao longo do texto, percebe-se que com o sucesso, Carolina se tornou alguém muito solicitada, principalmente no meio dos livreiros, jornalistas, burgueses e políticos. De modo que, ela se tornou tão famosa que mesmo aqueles que nunca a tinham lido queriam ao menos um autógrafa e sabiam quem era a tão famosa escritora do Quarto de Despejo. Entretanto, um ponto importante que ela traz no livro é sobre sua relação com o dinheiro após a fama e como a viam por conta disso. Devido a ela participar de muitas atividades burguesas, em geral pagas por terceiros, muitas pessoas achavam que ela ganhava muito e poderia resolver tudo com dinheiro. Por isso, muitos começam a ver como se ela tivesse muito poder e voz por conta da riqueza. Por tais razões, muitas pessoas chegavam nela para pedir dinheiro ou indicações, para que ela pudesse resolver vários problemas, principalmente os que envolvessem aspectos econômicos. Entretanto, algo que pode se perceber na obra e até mesmo na própria história de vida de Carolina é que seus ganhos não foram totalmente de acordo com a sua fama. Por exemplo, nesse diário, ao longo da leitura, é possível perceber que mesmo Quarto de Despejo já estando na terceira edição de vendas, no momento que ela escreve sobre isso, Carolina tinha recebido os lucros da primeira edição de forma recente, após a sua mudança para Osasco. Inclusive, algo que ela aponta é que ela não tinha autorização para receber dinheiro dos livreiros por seu trabalho realizando autógrafos. E em geral, Audálio era responsável pelas finanças dela. Tais questões são importantes de serem analisadas no diário justamente para compreender um pouco acerca de sua trajetória como escritora e as dificuldades vividas depois do declínio no mundo literário.

Algo apontado por Conceição Evaristo acerca de Carolina e de sua escrita no prefácio é sobre a sua fome nesse momento também ser existencial. Carolina com a fama teve uma vida muito atribulada, vivia com pressa a ponto de não conseguir mais cuidar dos filhos e de si mesma. Em muitos momentos se vê desiludida com tudo que vive e presencia na perspectiva da burguesia e da tal sala de visitas. De modo a se questionar sobre a vida ser justamente a palavra mais difícil de suportar e sobre a impossibilidade de ser feliz. Inclusive, algo que vemos muito são os momentos de introspecção de Carolina sobre seus momentos de pobreza, lembrando de seu cotidiano enquanto catadora e pelos lugares que passava.

Para além da rememoração, Carolina escreve muito acerca dos seus questionamentos sobre o custo de vida que só aumenta, o considerando como o flagelo da sociedade de sua época. Nesse sentido, ao considerar o que Conceição Evaristo (2007) define com o termo “escrevivência” percebemos como Carolina escreve acerca de suas experiências enquanto mulher, negra, pobre e que também dialoga com os coletivos em que ela se insere. Por tais razões, Carolina constantemente tece críticas ao governo público, aos seus políticos e à própria burguesia por saber que somente eles teriam o poder de realizar alguma mudança social de fato. Inclusive, algo que a escritora percebia é que em muitos momentos a sua presença entre os abastados acabava por ser um lembrete sobre a existência das mazelas sociais, que quando a viam que eles se lembravam da existência das favelas.

Por ser alguém que sabia da vivência do povo pobre, das dificuldades de vida e da luta pelo trabalho, muitas vezes sua opinião era solicitada justamente para que ela soubesse como resolver as problemáticas da sociedade e como ela resolveria a condição desumana que existe no país. Por isso também que em muitos momentos não só a sua opinião é solicitada como uma espécie de lembrete sobre as diferenças sociais, como também são feitas perguntas constantes sobre eleições e em quem Carolina votaria ou apoiaria nas candidaturas. Sua opinião era compreendida como importante em relação ao próprio apoio da população nas eleições, por ela ser vista como aquela que possuía a voz do povo. Percebemos em sua escrita que ainda que sua opinião fosse ouvida, ela sabia que a responsabilidade de mudança é daqueles que estavam no poder, que ela nada poderia resolver.

Outro ponto relevante sobre essa relação de Carolina com a burguesia é que muitas vezes a viam como um modelo para a meritocracia. Ou seja, Carolina ao contar sua própria história de luta, sobrevivência e preconceitos, mostra que mesmo tendo apenas dois anos de estudos formais conseguiu mudar completamente de vida por conta da persistência em aprender e pela sua força

de vontade em trabalhar. Todos a viam como um fenômeno do momento, como um modelo e estímulo à suas próprias vidas. Ela mesma se via como um exemplo em um mundo com tanta brutalidade e violência. E neste diário ela mesma pensava que quem trabalhasse teria direito a tudo que pessoas brancas pudessem ter. Coloca também a importância da coragem, da audácia e do esforço para conseguir prosperar. Assim, é possível perceber em uma leitura crítica como em muitos momentos a sua presença no meio burguês visa endossar um discurso meritocrático da burguesia que utiliza da sua figura para dar força e modelo a essa questão.

Sobre isso, outro ponto de destaque que beneficiava a burguesia era a visão de Carolina sobre os complexos da pessoa preta. Mesmo que sentisse em muitos momentos o preconceito, tendo a impressão de que em alguns espaços detestavam a sua presença, Carolina sempre se coloca como tendo muito orgulho da sua cor e de quem era. Não só quem era como pessoa, mas também como estava sendo um exemplo para outras pessoas pretas. Carolina afirmava que: “Eu não tenho complexo de cor porque eu gosto de ser preta. Se Deus enviasse-me branca, creio que ficava revoltada.” (Jesus, 2021, p. 152). Por isso, pode-se pensar que justamente por não ter esse complexo é que viam em sua figura uma forma de estimular também outras pessoas pretas a não terem mais o complexo e criarem ambições. Podemos pensar que, por tais razões e discursos que ela realiza e que poderiam ser benéficos para a sociedade da época é que era muito mais fácil a sua mescla entre os brancos e ricos. Por isso, que ao relacionarmos tal questão com o que Spivak (2010) questiona acerca de o subalterno poder de fala, podemos compreender que nesse caso Carolina só podia falar porque tal discurso era benéfico socialmente. De tal forma, que em certo momento Carolina coloca que estava vivendo entre os brancos como se também fosse branca, além de exaltar brancos como pessoas boas. Assim, vemos que mesmo que a escritora não perceba, há momentos de contradições dentro dessas questões de raça que podem trazer discussões importantes dentro das análises e pesquisas na área.

Ao longo da leitura percebemos uma Carolina que vive em constante contradição. Contradição enquanto mulher, enquanto negra, enquanto pobre e por isso a vemos como humana. É muito interessante isso, pois a escritora põe seus pensamentos e sua própria vida em discordância o tempo todo. Pois, Carolina é e se vê como um modelo de transgressão e de mudança, mas também é alguém que julga o outro, sendo semelhante ou não. Por isso podemos defini-la como “complexa, multifacetada, proteiforme” (Perpétua, 2003, p. 80) porque Carolina é múltipla e nesta obra demonstra ainda mais esse seu aspecto. Inclusive as contradições com as próprias experiências é algo bem-marcado. Pois, em muitos momentos ela vê essa sua nova vida na burguesia como um

mundo falso, uma sociedade que constantemente finge e engana. Entretanto, ao revelar as suas próprias incoerências, Carolina se expõe em sua forma mais humana e verdadeira. Ao se ver como alguém que não suporta homens fracos e ao mesmo tempo que não tem sorte com homem que pudessem suportar seus hábitos literários, ela também julga que as mulheres deveriam se subjugar aos maridos e até mesmo apanhar se tivessem uma conduta desviante aos seus papéis. Por todas as divergências de concepções postas até aqui, é que ao ler o diário podemos também pensar criticamente até que ponto as próprias contradições da autora não foram utilizadas enquanto discursos políticos e ideológicos de poder para reafirmar os valores da sociedade da época.

É nítido que não podemos afirmar se Carolina tinha consciência ou noção de suas falas e a relação de apoio que isso tinha diante do sistema ideológico e de valores da sociedade. Porém, algo que ela se colocava de forma constante, mas com receio do julgamento, eram seus discursos quanto à distribuição de terras visando acabar com a fome e a estatização de empresas primordiais para a população. Ela compreendia a distribuição de terras como a forma mais correta para acabar com a fome e estimular o trabalho humano, mas sabia que ao afirmar isso seria taxada como comunista pelos capitalistas. De modo que, ela entende que na história da humanidade sempre existiu esses sistemas de desigualdades, que colocam o pobre para trabalhar a fim de que o rico ficasse mais rico, citando até o exemplo de Maria Antonieta. Assim, entendemos que mesmo Carolina consciente das opressões verticais existentes no sistema social, ainda assim ela não se vê como uma figura central para acabar com isso. Visto que, ela vê que a liberdade viria apenas pela vontade da elite. Algo que, podemos refletir como sendo também um resquício das próprias políticas abolicionistas que o Brasil teve, pois, mesmo com as várias revoltas que ocorreram para que a escravidão acabasse, a abolição só se concretizou em parte por um interesse próprio da monarquia da época.

Por tais questões, também podemos sentir os receios e perspectivas que Carolina tem sobre si e sobre os seus. Pois, apesar de tudo que viveu, os seus valores não permitiam que ela se eximisse das problemáticas vividas por milhares de brasileiros. Pois, mesmo saindo da favela e do sofrimento pela pobreza e da fome, ela sentia que não podia deixar outros continuarem sofrendo aquela vida. De modo que, ela tenta denunciar às diferenças sociais e ajudar àqueles que recorrem a ela a partir da sua maior ferramenta de mudança, a escrita. Por tais razões, ela compreende o diário como uma forma de transformá-lo nas falas do povo brasileiro.

Assim, como já foi colocado, nesta obra conhecemos as variadas facetas da sociedade da época. Além de conhecermos também as várias formas de ser da escritora Carolina Maria de Jesus. De maneira que, suas falas, denúncias, angústias e vivências trazem e nos revelam questões tão

atuais e tão importantes de serem pautadas e relacionadas com a sociedade atual. Por isso também, reviver a memória de Carolina com reedições novas de seus escritos e publicação de seus inéditos ainda guardados é colocá-la em seu espaço de merecimento e reconhecimento diante a sociedade e a própria história brasileira. Carolina desejou “transformar o meu diário em fala o povo do Brasil!” (Jesus, 2021, p. 206) e ao lê-lo percebemos que ela concretizou essa fala por meio da escrita. Com a leitura dessa edição, é possível perceber o quão necessário é lê-la e referenciá-la muito ainda, principalmente nas salas de aula, para que nunca caem essa voz que ficou esquecida por tantos anos.

### REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

PERPÉTUA, Elzira Divina. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 22, p. 63-83, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Enviado em: 04/12/2023

Aceito em: 12/03/2024